

# APRESENTAÇÃO

Marcos Del Roio  
Presidente do  
Instituto Astrojildo Pereira

Os resultados pífios da acumulação da riqueza social no Brasil e o tranqüilo predomínio do setor financeiro parecem não ser motivos para gerar um movimento social e político de oposição. Pelo contrário, tudo indica que a coalizão governista (PT-PSB-PCdoB) tem excelentes condições de continuar no governo, apenas que enxovalhada pelo escândalo de corrupção que alcançou a cabeça do PT e, muito provavelmente, com uma base de sustentação nos parlamentos e nos governos estaduais ainda mais restrita. Um segundo governo Lula tem tudo para ser pior e mais conservador que o primeiro. Um ulterior passo do PT à direita encontra pela frente a coalizão PSDB-PFL também deslocada ainda mais à direita. A escolha de Geraldo Alckimin indica que o discurso do moralismo conservador será a tona, assim como a política do neoliberalismo sem rodeios. As outras direitas haverão de se compor com o vencedor da contenda entre minúcias do modelo neoliberal.

Às outras esquerdas tocam o desafio de organizar o movimento social dos trabalhadores e debater um programa de transformação dirigido contra o neoliberalismo. Mas não deve haver ilusões sobre a possibilidade de um capitalismo de rosto humano. Contra o neoliberalismo só é eficaz uma estratégia que perceba estar no imperialismo capitalista a raiz última do neoliberalismo.

Os movimentos sociais e as experiências de luta que se ampliam, se acumulam e se diversificam na América Latina mostram a oposição crescente ao neoliberalismo. Em alguns casos, como os da Venezuela e Bolívia, foram capazes de garantir governos engajados na resistência ao neoliberalismo e que incomodam os centros imperialistas, mas que não podem ser ainda identificados como parte da revolução contra o capital. Diante do fracasso do projeto da Alca, os Estados Unidos procedem agora em conta-gotas ao serem assinados tratados de livre comércio com cada país por vez, quase como num teste de subserviência ao neoliberalismo e aos ditames do imperialismo, o que faz reforçar os movimentos sociais em defesa da soberania, dos direitos e dos recursos naturais.

A luta em defesa dos direitos e de oposição ao neoliberalismo ocorre também nos centros imperialistas onde a questão dos migrantes passa a ser sempre mais importante. O caso das explosões sociais na França indica que aos governos reacionários que cobrem boa parte da Europa começa a se manifestar uma resistência mais aberta e mais ampla. As classes dirigentes da Europa, diante do impacto do crescimento econômico vertiginoso da China e também da Índia, só vêem saída arcando com os custos sobre os trabalhadores e os jovens, cultivando assim a semente da revolta social.

Mesmo o empenho sem freios dos Estados Unidos em solucionar a crise de acumulação a preço de toneladas e mais toneladas de bombas tem já mostrado o seu custo político para a (des)organização do Império. A resistência à ocupação no Afeganistão, no Iraque e na Palestina tem impedido a pretensão americano-sionista de redesenhar o mapa da região, forjar regimes dóceis sob um simulacro de governo representativo e, principalmente, controlar os recursos energéticos da área. Pode não ser secundário o objetivo de ocupar as linhas de passagem da Ásia oriental para a debilitada Europa.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.21.v0n45.2120>